

A versátil e potente obra de Ronald Duarte, que vai de desenhos construídos com fogo a metafóricos (ou nem tanto: os trabalhos do artista, mesmo os mais conceituais, carregam sempre uma forte carga de materialidade e organicidade) estouros de boiada pelas ruas desta e de outras cidades, se distingue no rico cenário da arte contemporânea brasileira pela precisa combustão entre poética e política. Herdeiro privilegiado de uma tradição de ações plásticas e performáticas que nascem na cultura ocidental nos anos 1960 (o artista foi assistente de Lygia Pape e trabalhou com Richard Serra, com cuja parceria foram criados os desenhos com *paintstick* da série Parafinos), e especialmente daquela que floresce no Rio de Janeiro a partir do Neoconcretismo, como ninguém Ronald soube incorporar ao rigor conceitual e densidade intelectual dessas produções um elemento lúdico e irônico, característicos da arte contemporânea produzida hoje, que relê as obras de arte das vanguardas do século XX como ruínas esparramadas num mundo desconcertado e em guerra. Por isso, por mais divertidas, delicadas ou belas que as obras de Ronald Duarte sejam -- e elas em fato o são -- há sempre presente nelas um elemento de fugacidade, atrito e violência: são trabalhos feitos com maçarico, fogo colocado nos trilhos do bonde de Santa Tereza, simulacros de manifestações, tiroteio e choques. Nunca antes a turbulência que permeia nossas vidas e nossa cidade foi tão bela e leve. Marcada pela iminência da morte, a obra de Ronald é uma orgiática celebração do caos da vida -- o que o tornaria, sem dúvida, o artista preferido de Nietzsche, caso esse reencarnasse nos trópicos.